

## **Relato de Experiência do Projeto Tecendo as Raízes Afrodiáspóricas no Campus Itaporanga**

**Clara Camile Freitas da Silva  
Jacques Douglas Marques dos Santos  
Joaquim Avelino dos Santos Sobrinho  
Manoella Nunes dos Santos**

**Resumo:** Este artigo relata a experiência de um projeto que visou promover o letramento racial e a representatividade afrodiáspórica por meio do estudo e valorização de três elementos culturais significativos: tranças afro, bonecas abayomi e quilombos. O objetivo central foi proporcionar uma imersão no universo da cultura afro-brasileira, com foco no fortalecimento da identidade racial e na conscientização sobre o legado da diáspora africana. A metodologia adotada envolveu a realização de três ciclos temáticos, estruturados em palestras teóricas seguidas de oficinas práticas, com o objetivo de oferecer uma abordagem teórica e vivencial. O primeiro ciclo foi dedicado às tranças afro, abordando sua história e importância na identidade racial. O segundo ciclo discutiu as bonecas abayomi, seu papel simbólico na resistência e no fortalecimento da identidade cultural negra e o terceiro ciclo focou nos quilombos e no conceito de aquilombamento digital, propondo reflexões sobre a preservação da cultura quilombola e as novas formas de resistência no contexto contemporâneo. Ao longo dos três ciclos, o retorno positivo dos participantes evidenciou o impacto da abordagem proposta, que não apenas reforçou a importância da cultura afrodiáspórica, mas também promoveu o entendimento das questões raciais e a valorização de símbolos de resistência e identidade.

**Palavras-chave:** Letramento racial; Tranças afro; Boneca abayomi; Quilombo.

## **Experience Report of the Project Weaving Afrodiasporic Roots on the Itaporanga Campus**

**Abstract:** This article reports the experience of a project that aimed to promote racial literacy and Afro-diasporic representation through the study and appreciation of three significant cultural elements: afro braids, abayomi dolls and quilombos. The central objective was to provide an immersion in the universe of Afro-Brazilian culture, with a focus on strengthening racial identity and raising awareness about the legacy of the African diaspora. The methodology adopted involved three thematic cycles, structured in theoretical lectures followed by practical workshops, with the aim of offering a theoretical and experiential approach. The first cycle was dedicated to Afro braids, addressing their history and importance in racial identity. The second cycle discussed abayomi dolls, their symbolic role in resistance and strengthening black cultural identity and the third cycle focused on quilombos and the concept of digital quilombola, proposing reflections on the preservation of quilombola culture and new forms of resistance in the contemporary context. Throughout the three cycles, the positive feedback from participants highlighted the impact of the proposed approach, which not only reinforced the importance of Afro-diasporic culture, but also promoted the understanding of racial issues and the appreciation of symbols of resistance and identity.

**Keywords:** Racial literacy; Afro braids; Abayomi doll; Quilombo.

## 1 INTRODUÇÃO

A cultura afro-diaspórica no Brasil, marcada pela herança da escravidão e pelas dinâmicas do pós-abolição, exerce uma profunda influência nas práticas e na estética da população negra, sendo um reflexo da resistência e da busca por identidade e pertencimento. A historiografia brasileira, imersa em um padrão de beleza, cultura e conhecimento eurocêntrico, contribuiu para a desvalorização dos elementos culturais afrodescendentes, que, por muito tempo, foram vistos como inferiores e marginalizados.

Esse processo histórico, amplificado pelo racismo estrutural, impactou diretamente a autoestima e a identidade da população negra no país. Contudo, ao longo do tempo, movimentos sociais e políticos têm desafiado esses padrões, ressignificando as práticas culturais e estéticas afro-brasileiras.

Este artigo busca disseminar as experiências desenvolvidas durante o projeto Tecendo as Raízes Afrodiáspóricas por meio das diversas manifestações culturais afro e sua relevância no fortalecimento da identidade negra no Brasil, com destaque para as tranças afro, as bonecas abayomi e o aquilombamento digital, refletindo sobre como essas práticas contribuem para a valorização da ancestralidade e para o enfrentamento do racismo estrutural.

O referencial teórico deste estudo se estrutura em três eixos principais. Primeiramente, discute-se a relevância das tranças afro, enquanto símbolo de resistência e identidade racial. Além disso, o movimento de valorização desses penteados no Brasil contemporâneo se torna uma afirmação do pertencimento afro-brasileiro, enfrentando a pressão estética e a exclusão histórica imposta à população negra.

Em seguida, aborda-se o conceito de aquilombamento digital, uma extensão do significado tradicional de quilombo, que na contemporaneidade representa espaços de resistência e luta contra as opressões nas redes sociais. O aquilombamento digital tem sido crucial para o fortalecimento da identidade afro-diaspórica, proporcionando visibilidade e espaços de afirmação cultural, desafiando as normas da cultura hegemônica e promovendo o protagonismo negro no ambiente digital.

Complementamos o referencial teórico abordando as bonecas abayomi, com a sua historicidade, representatividade e importância na cultura afrobrasileira. Posteriormente apresentamos a metodologia proposta durante o planejamento e execução do projeto, juntamente com os resultados obtidos e as devidas considerações finais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A cultura afro-diaspórica tem suas manifestações presentes em vários aspectos da sociedade, pois exerce uma influência significativa na vida dos afrodescendentes em diferentes contextos. O Brasil possui uma historiografia profundamente marcada pela escravidão e pelo período pós-abolição, cujos reflexos perduram até hoje nas dinâmicas sociais e estão intrinsecamente ligados ao racismo estrutural.

A insurgência de movimentos negros na luta contra a discriminação racial no Brasil, e também em outros países, apresentou uma busca por identidade e se intensificou em vários cenários brasileiros, seja na política, na cultura ou na estética. Dentre os diversos movimentos

sociais e políticos, destaca-se o movimento Panteras Negras, que adotou como símbolo o cabelo black power. Como afirma Gomes:

A luta contra a dominação, exploração, discriminação racial, de classe e gênero tem levado ao surgimento de diferentes movimentos históricos de lutas sociais e políticas, o que na estrutura do país acabou por provocar a busca de identidade e pertencimento de ser negra/o pelos grupos que estão representando essa população. (2019,p.186)

A representatividade negra tornou-se uma forma de resistência e defesa para o conceito de negritude, principalmente no Brasil, pois durante anos a presença de pessoas negras na mídia e em cargos de poder eram escassos. Reforçar e valorizar a cultura negra é um caminho de trabalhar a discriminação e resistir contra o racismo estrutural na nossa sociedade.

## 2.1 TRANÇAS

Na primeira palestra do projeto sob o tema “Trançando os caminhos afrodiáspóricos”, trabalhamos o cabelo afro e especial as tranças afros, que sempre foram alvos de agressões racistas e pressão estética, e se transformaram em ícones de resistência e afirmação da identidade racial, tornando-se símbolos de protesto. Como observa Gomes, “o entendimento da simbologia do corpo negro e dos sentidos da manipulação de suas diferentes partes, entre elas, o cabelo, pode ser um dos caminhos para a compreensão da identidade negra em nossa sociedade.” (2019,p.187)

Ao longo da história, o cabelo sempre foi alvo de ataques, mas também se consolidou como um poderoso símbolo de resistência e afirmação. Entre as diversas formas de apresentação do cabelo crespo, um dos penteados ancestrais mais significativos são as tranças afro. Muito antes da escravidão, na África, as tranças já eram símbolos de status, etnia, sobrevivência e religiosidade. Durante a diáspora, as tranças nagôs, que também são conhecidas como trança raiz, desempenharam um papel crucial nas fugas para os quilombos.

Seus desenhos funcionavam como mapas que orientavam as rotas de fuga, além de servirem como esconderijo para sementes que, disfarçadas entre os fios de cabelo, eram levadas para os quilombos. Essas sementes eram essenciais para a subsistência das comunidades quilombolas, permitindo que cultivassem alimentos e garantissem sua sobrevivência. Com o passar do tempo, as tranças também passaram a ser afetadas pela pressão estética, mas sua importância no fortalecimento da identidade e no pertencimento permanece como uma marca significativa, pois “[...] o exercício de trançar ou ser trançada, traz no seu bojo o princípio relacional, a unidade plural e a transferência de vitalidade das pessoas envolvidas no processo (a artista - aquela que trança, a pessoa trançada e as pessoas que serão afetadas pela fruição estética).” (Costa; Binja, 2022,p.93)

As tranças, portanto, transcendem o simples ato de estilizar o cabelo; elas carregam consigo uma história rica de resistência, solidariedade e conexão cultural. O empreendedorismo por meio das trancistas, profissionais que fazem das tranças sua fonte de renda, também entra nesse processo de resistência, pois valoriza o trabalho de trançar os cabelos e reafirma a conexão cultural. Ao monetizar essa prática, as trancistas não só preservam a tradição, mas também promovem a visibilidade do cabelo trançado em diversas esferas da vida cotidiana, como em casa, na escola e no trabalho.

A representatividade sempre foi um tema debatido, especialmente diante do estigma que recai sobre o cabelo crespo e seus penteados. A mídia, ao longo do tempo, disseminou

um padrão de beleza eurocêntrico, excluindo as características dos cabelos afros. O que se considerava um “cabelo formal” para o mercado de trabalho ou o “cabelo bom” sempre era associado a padrões europeus. Contudo, atualmente, a presença de celebridades, políticos e outras figuras públicas com cabelo afro e tranças reforça uma importante identificação, afirmando a identidade racial de um povo.

A representatividade das diversas variações de cabelos afros e seus penteados não é apenas um reflexo da aceitação, mas também um ato de resistência e busca por afirmação da identidade afro, pois “carregar símbolos étnico-raciais das culturas africanas e afro-diaspóricas é concorrer com os padrões de colonialidade, é se manter fora do que é socialmente aceitável e tolerado.” (Santos, 2023, p.16)

## 2.2 AQUILOMBAMENTO DIGITAL

No dia 11 de dezembro de 2024 foi realizada a palestra Tecendo o futuro: a juventude afrodescendente e o aquilombamento nas redes sociais. Como fundamento nos apoiamos em conceitos como quilombo, aquilombamento, resistência, luta, militância, redes de comunicação, tecnologia e outros.

Quilombo como lugar de resistência e luta contra a opressão é um significado corrente em nossa sociedade dado que é assim que nos é apresentado como dado da nossa historiografia. Contudo, na atualidade, ele ganhou uma ampliação semântica ao passar a designar também locais onde afrodescendentes lutam juntos contra opressões e injustiças como nas favelas, terreiros, rodas de samba e outros lugares e momentos. Esses núcleos de lutas organizadas têm sido denominados de aquilombamento. São grupos que no presente se inspiram nos ensinamentos dos quilombos para enfrentar a opressão.

Esses grupos a partir de seus territórios passam a se unir em torno de objetivos comuns, sobretudo para sobreviverem a multifacetadas agressões, preconceitos e negações de sua existência, cultura e sabedoria. Eles fazem núcleos de resistência acoradas em sua ancestralidade, identidade e noção de pertencimento.

Com a revolução digital, com a hegemonia da tecnologia e suas decorrentes mudanças nos cenários globais, regionais e locais, esse movimento de aquilombamento começa a se adaptar a um novo ambiente, a saber: o ambiente das redes digitais. Neles passam a figurar como divulgadores, moderadores e criadores de conteúdo relativo às suas lutas cotidianas. Nos vários segmentos, estamentos e “bolhas” passam a afirmar suas identidades afro, apoiada na ancestralidade de seu povo. Em canais de estética, beleza, história, arte, humor, música, literatura, variedades infinitas onde se afirmam identidades afro-diaspóricas, e onde tudo vem marcado com a letra escarlate do sangue, da cor, da língua, do ser afro. São nichos de cultura onde se afirmam identidades.

É importante compreender que essa inserção nas redes digitais faz parte de uma luta pela cultura. A cultura hegemônica é branca, europeia, estadunidense, heteronormativa e altamente padronizada. Ao se afirmar identidades afro-diaspóricas é necessário que se lute para obter espaço nessa cultura tão cristalizada. Nesse sentido o aquilombamento digital é uma figura de resistência, é um meio de tentar penetrar nas brechas do paredão cultural a fim de que possa nascer outras vegetações possíveis. Pois uma cultura que não se renova tende a apodrecer e morrer.

Seja na territorialidade da favela, do terreiro, da roda de samba, seja nas redes digitais e suas miríades de possibilidades, o aquilombamento é resistência contra a opressão, o racismo, o preconceito, a negação dos direitos dos afrodescendentes, da população afro-diaspórica e daqueles que afirmam uma identidade negra.

## 2.3 BONECAS ABAYOMI

A boneca Abayomi é um símbolo de resistência, ancestralidade e cultura afro-brasileira (Santos, 2019). Embora seja amplamente associada a uma lenda que sugere sua origem na diáspora africana, a verdade é que a boneca foi criada pela artista Lena Martins, que ressignificou sua estética e simbologia dentro do contexto da cultura afrodescendente no Brasil. A lenda, amplamente difundida, sugere que a boneca teria sido criada por mulheres africanas escravizadas durante a travessia transatlântica para acalmar seus filhos.

No entanto, a verdadeira criadora da boneca Abayomi é a artista plástica Lena Martins, que desenvolveu essa peça artesanal como parte de seu trabalho de valorização da cultura afro-brasileira. Negra e engajada na luta pela representatividade, Lena concebeu a Abayomi como um símbolo de resistência e ancestralidade inspirada nas tradições africanas, mas inserida no contexto brasileiro.

O processo criativo da Lena Martins para as bonecas abayomi teve como requisito uma boneca que não exigisse muitos materiais. A confecção de bonecas de pano simples sem costura e sem cola, feitas apenas com nós em tecidos, é uma das características que a torna acessível, pois não demanda um grande orçamento e processos de costura. Essa técnica reflete uma estética minimalista e artesanal, remetendo ao saber ancestral das populações africanas, mas sem qualquer relação direta com uma suposta origem na travessia transatlântica dos povos escravizados. A criação da boneca também reflete sua busca por representatividade e visibilidade para a cultura afro-brasileira. Ao criar uma boneca que reflete a beleza e a dignidade da mulher negra, Lena Martins desafiou os padrões de beleza hegemônicos e contribuiu para a construção de uma identidade negra mais forte e orgulhosa.

Além disso, a boneca também simboliza a resistência e a resiliência da cultura afro-brasileira diante da opressão e da marginalização. Reconhecer Lena Martins como a verdadeira criadora da boneca Abayomi é essencial por diversas razões como o resgate da autoria negra, ao identificar a origem real da boneca valorizando o trabalho de uma artista negra que contribuiu para a cultura afro-brasileira; o combate à desinformação histórica, pois embora a lenda da boneca seja inspiradora, é essencial diferenciar mitos de fatos; a valorização da arte e da cultura afro-brasileira através do reconhecimento de criadora o que contribui para dar visibilidade a artistas e intelectuais negros que trabalham na preservação e difusão das tradições afrodescendentes; o engajamento na educação antirracista ao ensinar sobre a boneca, enfatizando sua verdadeira história para que crianças e adultos compreendam a importância do protagonismo negro e da autoria negra na arte e na cultura.

## 3 METODOLOGIA

O projeto foi concebido para explorar três manifestações significativas da afrodiáspora presentes no contexto afro-brasileiro: tranças afro, bonecas abayomi e quilombos. O objetivo era proporcionar ao público externo, acadêmico e os discentes bolsistas uma imersão nas temáticas abordadas, com o intuito de aprofundar o estudo e desenvolver as atividades correspondentes.

A proposta teve como metodologia a pesquisa qualitativa para levantamento de fontes e referências para as palestras e oficinas. Tivemos como público-alvo a comunidade acadêmica e comunidade externa, dando prioridade a grupos de pessoas negras nas oficinas

de tranças, mas também sinalizando a importância da participação dos nossos alunos brancos nas discussões e atividades. A metodologia do projeto envolveu a realização de um ciclo de palestras introdutórias seguidas de eventos complementares, com o objetivo de oferecer um conhecimento amplo e acessível sobre os temas. O projeto foi estruturado em três ciclos, sendo que, a cada ciclo, o assunto seria abordado de duas maneiras: inicialmente, por meio de uma palestra teórica, que contextualizar o tema para o público, seguida de uma oficina prática para promover uma vivência mais direta e interativa com o conteúdo discutido.

Para a implementação do projeto, foi realizado um trabalho colaborativo com parceiros sociais, que ajudaram no contato com o público externo e na participação nas atividades, em conjunto com a comunidade acadêmica do campus. A equipe do projeto ficou responsável pelas palestras, que foram ministradas após uma pesquisa aprofundada sobre os temas, utilizando referências teóricas, além de outros materiais como entrevistas, documentários e canais de redes sociais que abordam as questões afrodispóricas.

As atividades práticas foram realizadas em forma de oficinas, em que um profissional da área foi contratado por meio de serviços para ministrar a atividade para os grupos ouvintes. Um dos requisitos da participação da oficina era o prévio comparecimento à palestra que antecedia a atividade proposta.

Além disso, foi criada a conta @raizesafrodisporicas, na rede social Instagram para divulgar os eventos propostos e compartilhar os materiais produzidos pelos discentes bolsistas sobre as temáticas da afrodiáspora.

## 4 RESULTADOS

O primeiro ciclo, realizado em outubro, teve como foco as tranças afro. O primeiro evento consistiu em uma palestra que abordou a historiografia da beleza no Brasil, as tranças afro em seus diversos contextos afrodispóricos e a importância identitária e econômica das tranças para os afrodescendentes.

O segundo evento do ciclo foi uma oficina de tranças nagô e box braids, cuja participação foi condicionada à prévia presença na palestra. Para a oficina, contratamos uma trançista especializada, que ensinou os dois modelos de tranças. O público participante incluiu pessoas interessadas em aprender a prática para gerar uma fonte de renda ou aplicá-la em casa. Uma participante expressou interesse em utilizar a técnica como uma possibilidade de empreendimento doméstico, pois já fazia penteados em casa. Outra participante, que já utilizava tranças, afirmou que esse penteado lhe proporcionava uma forma de expressar sua identidade cultural e destacar ainda mais sua feminilidade.

O segundo ciclo, realizado em novembro, abordou as bonecas abayomi. A palestra do ciclo explicou a origem e a importância dessas bonecas no contexto brasileiro, utilizando o tema para refletir sobre os estereótipos nas produções afro-brasileiras. A oficina desse ciclo contou com a participação de uma artesã da comunidade, que ensinou os participantes a confeccionar a boneca abayomi. Ao final, todos produziram três mini bonecas, que foram transformadas em uma boneca avulsa, um ímã de geladeira e um chaveiro. A oficina demonstrou como a boneca abayomi pode ser tanto um presente simbólico quanto uma fonte de renda, com diversas formas de apresentação.

O terceiro ciclo foi concluído em dezembro. Aproveitando a realização do evento SECITEC no *campus*, o projeto incluiu a palestra sobre os quilombos, abordando o conceito de aquilombamento digital entre os participantes.

Em suma, os três ciclos propostos foram realizados. O retorno positivo dos participantes demonstrou que conseguimos promover e divulgar a cultura afrodispórica em

suas diversas formas. O projeto teve êxito ao conseguir fomentar o letramento racial e a representatividade, através do estudo e da valorização de elementos culturais como penteados afros, bonecas abayomi e quilombos.

Figura 1: Primeiro ciclo sobre tranças



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

A figura 1 retrata o registro feito da palestra de tranças com alunos do curso de Engenharia Civil e com o Grupo de Mulheres do Conjunto Chagas Soares.

Figura 2: Segundo ciclo sobre as bonecas abayomi



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

Figura 3: Terceiro ciclo sobre aquilombamento



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

As Figuras 2 e Figura 3 tratam-se do registro da oficina de boneca Abayomi e da palestro do Aquilombamento Digital, respectivamente.

Além de todos os resultados alcançados, a experiência dos bolsistas com o projeto se destaca como um êxito à parte, como evidenciam os seguintes relatos.

Bolsista	Relato de experiência
Manoella Nunes dos Santos	Participar do projeto "Tecendo as Raízes Afrodescendentes" foi uma das experiências mais enriquecedoras da minha vida. Esse projeto me proporcionou um mergulho profundo na ancestralidade, na cultura e nas narrativas das populações afrodescendentes, resgatando histórias muitas vezes invisibilizadas. A cada troca de conhecimento e expressão artística apresentada, senti que estava não apenas aprendendo, mas também me reconectando com

	<p>algo maior: um legado de resistência, sabedoria e identidade. O impacto desse projeto na minha trajetória foi imenso, pois me fez refletir sobre como a diáspora africana moldou a sociedade em que vivemos e como, ainda hoje, as marcas do racismo estrutural persistem. Mas, mais do que isso, me fortaleceu. Percebi que compreender as raízes históricas e culturais não é apenas um exercício de memória, mas um ato político e necessário para a construção de um futuro mais justo. Vivemos em um país onde a população negra desempenhou – e ainda desempenha – um papel fundamental, mas, por muito tempo, suas contribuições foram apagadas ou minimizadas. Projetos como esse não apenas valorizam e resgatam essa história, mas também promovem o fortalecimento identitário e a luta por equidade. Falar sobre a diáspora africana é falar sobre resistência, sobre pertencimento e sobre a necessidade de reverter séculos de opressão por meio do conhecimento e da valorização cultural. Ao final da minha jornada no projeto, saí transformada. Mais consciente, mais inspirada e com uma nova perspectiva sobre o meu papel na sociedade. Entendi que "tecer raízes" não é apenas olhar para o passado, mas também construir pontes para o futuro.</p>
Joaquim Avelino dos Santos	<p>Fazer parte do projeto foi uma das experiências mais transformadoras da minha vida. Desde o momento em que fui apresentado à proposta, senti uma conexão profunda com a temática abordada, que explora as raízes culturais, históricas e sociais da diáspora africana. Esse projeto não apenas me proporcionou um espaço de aprendizado, mas também me fez redescobrir e valorizar minha identidade. Levou-me a mergulhar em pesquisas sobre a história afro-brasileira, sobre as tradições que moldaram nossa cultura e sobre os desafios enfrentados pelas comunidades afrodescendentes ao longo dos anos. Através de oficinas, palestras e trocas de experiências com outros participantes, pude entender melhor a importância da ancestralidade e como ela influencia nossa vida cotidiana. Um dos momentos mais marcantes foi quando trabalhamos com artesanato e técnicas tradicionais de tecelagem. Ao criar peças que remetem à cultura afro-brasileira, percebi o quanto essas manifestações artísticas são poderosas. Elas não apenas preservam a história, mas também recontam narrativas que muitas vezes foram silenciadas. Senti um orgulho imenso ao ver minha própria história entrelaçada com a de tantas outras pessoas. Esse projeto teve um impacto profundo em minha autoestima e na forma como vejo o mundo.</p>

	<p>Aprendi a valorizar minha herança cultural e a reconhecer a força que vem da diversidade. As discussões sobre racismo estrutural e desigualdade social me abriram os olhos para as injustiças ainda presentes em nossa sociedade e me motivaram a ser uma voz ativa na luta por igualdade. Além disso, as conexões que fiz durante o projeto foram inestimáveis. Conheci pessoas incríveis que compartilham das mesmas inquietações e paixões, formando uma rede de apoio e amizade que se estende além das atividades do projeto. Essa troca de vivências me fez sentir parte de algo maior, um movimento coletivo em prol da valorização das culturas afrodescendentes. A pauta abordada pelo "Tecendo as Raízes Afrodiáspóricas" é crucial não apenas para os participantes do projeto, mas para toda a sociedade. A valorização das culturas afro-brasileiras é um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao resgatar histórias, tradições e saberes, estamos contribuindo para um reconhecimento mais amplo da riqueza cultural que compõe nosso país. Além disso, discutir sobre racismo, discriminação e desigualdade é essencial para promover mudanças significativas. O projeto nos ensina que cada um pode fazer a diferença e a conscientização é o primeiro passo para a transformação social. Em suma, "Tecendo as Raízes Afrodiáspóricas" não foi apenas um projeto; foi uma jornada de autodescoberta e empoderamento. Ele me ensinou o valor da ancestralidade e da comunidade, mostrando que nossas raízes são fundamentais para construirmos um futuro mais inclusivo e respeitoso. Estou eternamente grato por ter feito parte dessa experiência enriquecedora!</p>
--	--

Fonte: Autoria própria, 2024.

O projeto apresentou aprendizados tanto para os bolsistas como para os servidores membros durante a sua realização. Foi notável o envolvimento tanto do público interno como o externo durante as atividades.

## 5 CONCLUSÕES

Trabalhar a temática afrodiáspórica foi exultante, pois o projeto foi pensado para abordar o letramento racial através de outros elementos afros que estão presentes no cotidiano, o que além de promover o próprio letramento racial também serviu para a consciência racial a partir do estudo de símbolos raciais que estão presentes no cotidiano. Como podemos enumerar o que concluímos com o projeto:

1. A apresentação de temas específicos não muito explorados foram um bom engajamento para trabalhar o letramento racial sob um novo olhar. Levantando reflexões e aumentando o conhecimento sobre as temáticas;

2. O estudo racial geralmente torna-se pesado para os grupos que fazem parte do estudo quando abordado prioritariamente questões de discriminação e racismo, mas notamos que explorar os fatores que levam a essas agressões raciais por temas mais “leves” torna-se mais acolhedor para grupos que podem se sentir afetados e uma forma de promover o letramento racial para os demais grupos por meio do conhecimento;
3. A consciência racial, tema muito abordado atualmente, foi explorado nas atividades que valorizamos características da cultura e estética negra. O que foi positivo para os grupos envolvidos.

Trabalhar com esse projeto foi muito gratificante e uma forma de apresentarmos à população como é importante pensar o letramento racial como dever de todos e além do pensamento da escravatura e pós-abolição. A luta contra o racismo é todos os dias e não apenas no mês da Consciência Negra.

## **AGRADECIMENTOS**

Os autores agradecem ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) pelo apoio financeiro por meio do Edital nº 16/2024 - Pró-Culturas 2024 (PROEX), bem como por todo o apoio dos parceiros sociais, a Secretaria Municipal de Assistência Social de Itaporanga e do Grupo de Incentivo Cultural de Itaporanga (GICI).

## **REFERÊNCIAS**

CANUTO, Sanny Kellen Anjos Cavalcante. **Entre lutas e likes: aquilombamento digital, posicionamentos, identidades e complexidades**. Editora UNEMAT, 2023.

CONCEIÇÃO, Kelly Santos da. **Aquilombamento digital**: mulheres negras, comunicação e trabalho em uma rede de afetos. 2020. Monografia (Especialização em Mídia, Informação e Cultura) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

COSTA, Beatriz Adão Pascoal da; BINJA, Elias Justino Bartolomeu. A arte africana da diáspora: as tranças na manutenção da vida. **Relem**, v.15, n.24, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/11921>. Acesso em: 06 fev. 2025.

GOMES, Cláudia Ferreira Alexandre; DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana. Consumo e identidade: o cabelo afro como símbolo de resistência. **Revista da ABPN**, v.11, n.27,p. 184-205, 2019. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/496>. Acesso em: 06 fev. 2025.

GOMES, João. **A importância da verdade histórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

LOPES, Ivonete da Silva; CARDOSO, Jéssica Suzana Magalhães. WikiFavelas: o necessário aquilombamento digital. **Outras Palavras**, 2023. Disponível em: <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/wikifavelas-o-necessario-aquilombamento-digital/>. Acesso em: 02 fev. 2025.

MARTINS, Lena. **A boneca Abayomi:** uma criação afro-brasileira. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

OLIVEIRA, Maria das Graças. **O idioma iorubá e a cultura afro-brasileira.** Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2019.

SANTOS, Luane Bento dos. Meu cabelo conta história: uma reflexão sobre as capilaridades crespas no contexto afro-diaspórico. **Realis**, jul. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/realis/article/view/259257>. Acesso em: 06 fev. 2025.

SANTOS, Maria Luiza. **A boneca Abayomi:** um símbolo de resistência. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

SILVA, João Paulo. **A diáspora africana e a cultura afro-brasileira.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

VELOSO, Maria do Socorro Furtado; ANDRADE, Alice Oliveira de. Aquilombamento virtual midiático: uma estratégia metodológica para o estudo das mídias negras. **Alceu**, v.21, n.44, mai./ago., p.172-189, 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/em-textos-ineditos-escritores-expressam-desejos-para-2020-1-24165702>. Acesso em: 02 fev. 2025.